

DA ESCUTA À NORMATIZAÇÃO: VIOLÊNCIAS INSTITUCIONAIS E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS FRENTE ÀS DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE LGBTQIAPN+

FROM LISTENING TO NORMALIZATION: INSTITUTIONAL VIOLENCE AND PSYCHOLOGICAL PRACTICES IN THE FACE OF LGBTQIAPN+ GENDER AND SEXUALITY DISSIDENCES

Dárya Willyanne de Moura Cezário da Silva¹
Rubem Viana de Carvalho²

Resumo: Esta pesquisa analisa as formas de violência dirigidas à população LGBTQIAPN+ e as infrações ético-profissionais cometidas por psicólogos/as, a partir das narrativas da obra *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs* (CFP, 2019). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e documental, com base em análise de conteúdo das entrevistas presentes na obra. A análise dos relatos permitiu identificar diferentes manifestações de violência, psicológica, física, autodirigida e sexual, evidenciando sua incidência em contextos como o familiar, religioso e clínico. Os dados revelam a persistência de práticas profissionais marcadas por julgamentos morais e tentativas de normatização das dissidências, em desacordo com os princípios éticos da Psicologia. Diante disso, destaca-se a importância do compromisso ético na atuação profissional, voltado à garantia de direitos e ao reconhecimento das subjetividades dissidentes. Como possibilidade de acolhimento, propõe-se uma prática clínica de orientação existencial, inspirada em Kierkegaard, que valoriza a experiência singular e a escuta.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+; Violência; Prática clínica; Experimentan-te.

Abstract: This study analyzes the forms of violence directed against the LGBTQIAPN+ population and the ethical-professional violations committed by psychologists, based on the narratives presented in the work *Attempts to Annihilate LGBTI Subjectivities* (CFP, 2019). This is a qualitative, exploratory, and documentary study based on the content analysis of the interviews contained in the publication. The analysis of the narratives made it possible to identify different manifestations of violence, psychological, physical, self-directed, and sexual, highlighting their occurrence in family, religious, and clinical contexts. The findings reveal the persistence of professional practices marked by moral judgments and attempts to normalize dissident identities and experiences, in disagreement with the ethical principles of Psychology. In light of this, the study highlights the importance of ethical commitment in professional practice, aimed at guaranteeing rights and recognizing dissident subjectivities. As a possibility for care and support, an existentially oriented clinical practice inspired by Kierkegaard is proposed,

¹ Bacharel em psicologia pelo Centro Universitário Unifavip Wyden. E-mail: daryawillyannepsi@gmail.com

² Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA). Psicólogo pelo Centro Universitário do Vale do Ipojuca - Unifavip | Wyden. Pedagogo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA). E-mail: rubem.viana@ufpe.br



one that values singular experience and attentive listening.

Keywords: LGBTQIAPN+; Violence; Clinical Practice; Experienter

1. INTRODUÇÃO

Para Kierkegaard (1813-1855) - precursor do existencialismo - o profissional de psicologia, mais que qualquer outro profissional, tem o direito de se fartar com “a multiplicidade borbulhante da vida” (2013, p.25). Por essa via, o filósofo em *O conceito de angústia* (1844/2013) tece críticas à psicologia de sua época, que para ele, busca tornar tudo um estado. Havendo um interesse do psicólogo pela subjetividade, porém, buscando colocá-las em caixas e categorias; em uma curiosidade que antipatiza.

A partir dessa perspectiva, podemos considerar, que tanto na patologização cientificista, quanto na categorização antidentitária proposta pela teoria queer, há um “jejum” da vida (2013, p.25). Analisando pela via sócio-política, reconhecer um público LGBT pode ter fundamento; já na clínica, é preciso se atentar aos perigos da categorização dessa via; visto que, para Kierkegaard, o agrupamento tira a singularidade do ser (2022, p.59). Assim, na clínica, a categorização pode criar uma barreira entre a pessoa analisada e a/o analista, gerando um distanciamento na experiência própria do ser.

Considerando que o indivíduo é indissociável do contexto histórico e sociocultural no qual está inserido, a clínica psicológica deve necessariamente alinhar-se a essas determinações para que o acolhimento seja ético e adequado. Nesse sentido, é fundamental reconhecer o percurso histórico marcado pela demonização, discriminação e patologização da população LGBTQIAPN+ (Toledo; Pinafi, 2012), bem como o fato de que tais processos, por vezes, foram reproduzidos e reforçados por determinados profissionais da Psicologia, conforme evidenciado nos casos analisados no documento “*Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTQIs*”, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia (2019).

Torna-se necessário pensar e consolidar uma prática clínica psicológica sensível às subjetividades dissidentes de gênero e sexualidade da população LGBTQIAPN+. Tal



perspectiva implica a ampliação da compreensão acerca das experiências individuais e coletivas desses sujeitos, bem como a identificação dos padrões e contextos específicos nos quais se configuram as diversas formas de violência e opressão. Para fundamentar essa análise, adota-se como referencial teórico o documento “*Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTQIs*”, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia (2019).

Serão analisadas as principais formas de violência evidenciadas nos casos que se encontram em desacordo com as normas e os compromissos éticos da Psicologia. Nesse contexto, propõe-se a ampliação de espaços de escuta qualificada, de modo a possibilitar que tais vozes sejam acolhidas sem a imposição de pressupostos ou categorizações reducionistas. Parte-se do entendimento de que a escuta constitui elemento central da prática clínica.

Dessa forma, a presente pesquisa orienta-se pela seguinte questão norteadora: Como as violências dirigidas à população LGBTQIAPN+ e as infrações ético-profissionais cometidas por psicólogos/as se manifestam nas narrativas da obra *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTQIs* (CFP, 2019)? Temos por objetivo geral: Analisar as formas de violência dirigidas à população LGBTQIAPN+, bem como as infrações ético-profissionais cometidas por psicólogos/as, a partir das narrativas presentes na obra *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTQIs* (CFP, 2019). E específicos: Caracterizar o perfil dos participantes, evidenciando marcadores sociais e desigualdades de representatividade entre identidades de gênero e orientações sexuais; Identificar os tipos de violência e seus contextos de ocorrência, com ênfase nos âmbitos familiar, religioso e clínico; Analisar as práticas de acolhimento no campo clínico, destacando infrações ético-profissionais e seus efeitos sobre as subjetividades LGBTQIAPN+.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A filosofia essencialista, iniciada na Grécia Antiga, representada por Platão, parte da ideia de que aquilo que se altera com o tempo não pode ser considerado como verdadeiro. Assim, essa linha teórica, busca a essência das coisas, situada no “mundo das ideias”, com caráter universal e supratemporal (Nodari, 2004). Essa perspectiva influenciou diversos



pensamentos ao longo da história, como as noções de “essência feminina” e “essência masculina”, além da lógica cientificista, que ao se propor buscar fatores universais; desconsiderando os fatores sensíveis e singulares que os entrelaçam (Nodari, 2004).

Em contraposição, o existencialismo, que surge na contemporaneidade, enfatiza a existência como algo em construção, um constante “devir”, em caráter de continuidade; considerando os aspectos singulares do indivíduo, que fogem da lógica universal e quantificável. Nessa perspectiva, o indivíduo é compreendido a partir de sua singularidade, escapando de definições universais e fixas (Germano, 2014). Essa abordagem se articula com a discussão de gênero, especialmente na obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se”. Rompendo assim com a ideia de uma essência feminina e compreendendo o ser humano enquanto uma construção histórica e social.

Essa concepção aproxima-se da perspectiva de Scott (1995), ao afirmar que os significados das palavras - como o próprio conceito de gênero - são históricos e mutáveis. Assim, considerar o gênero apenas sob uma lógica essencialista e binária implica desconsiderar a experiência concreta, cultural e singular dos indivíduos. Visto que, a subjetividade humana, não deve ser percebida desconsiderando o seu entorno social e suas relações de poder; que se apresenta entre os sujeitos, grupos e instituições a cada movimento histórico e instante do existir (Pifani; Toledo, 2012).

Nessa direção, a compreensão do gênero como construção histórica permite evidenciar formas de discriminação e violência derivadas de uma herança essencialista e biologizante. Conforme Rubin (1989), há uma hierarquia social das práticas sexuais, na qual indivíduos alinhados à heteronormatividade ocupam posições privilegiadas, enquanto aqueles que divergem desse padrão sofrem marginalização. Esse sistema produz exclusões, limitações e violências, sustentando um modelo sociopolítico binário e falocêntrico.

Em contraponto, perspectivas contemporâneas propõem pensar o gênero para além dessa lógica binária, como um campo aberto de possibilidades. Trata-se de compreender o feminino - e o gênero de forma geral - não oposto binariamente ao masculino; mas um feminino enquanto paisagem, paisagem de possibilidades e criação a partir da existência; dos sentires que não cabem em classificações e se apresenta na ordem do indizível (Sobral, 2019). Assim, torna-



se necessário abrir espaço para que os indivíduos possam vivenciar seu “vir a ser” de forma livre, sem sofrer violências ou imposições normativas.

Nesse contexto, a psicologia assume um papel fundamental, especialmente ao considerar a abordagem biopsicossocial. Cabendo à prática psicológica acolher as singularidades, reconhecer direitos e promover mudanças sociais que favoreçam o bem-estar da população LGBTQIAPN+. Isso implica o desenvolvimento de uma clínica sensível às diversidades, capaz de compreender as experiências individuais e coletivas dessa população, bem como os contextos de opressão e violência que enfrentam.

Historicamente, a população LGBTQIAPN+ foi alvo de patologização e discriminação, o que ainda se reflete em algumas práticas clínicas. Embora a homossexualidade tenha sido retirada do DSM-II em 1973, persistem abordagens que a tratam como desvio ou buscam sua “correção” (Moleiro; Pinto, 2009). Tais práticas são eticamente problemáticas e reforçam estigmas sociais.

A homofobia, enquanto fenômeno social, pode gerar impactos significativos na subjetividade dos indivíduos, incluindo isolamento, auto exigência excessiva e dificuldades nas relações sociais (Pifani; Toledo, 2012). Além disso, pode ser internalizada, contribuindo para quadros de sofrimento psíquico, como depressão e comportamentos autodestrutivos. Diante disso, a prática clínica deve evitar pressupostos moralizantes e heteronormativos, priorizando a escuta das experiências concretas dos sujeitos.

Uma contribuição relevante para essa prática vem de Soren Kierkegaard, que propõe uma psicologia baseada na experiência vivida. Para ele, a clínica deve se constituir como um espaço de abertura, marcado pela postura de “não saber”, onde o psicólogo se aproxima da existência do indivíduo sem definições prévias. A angústia, nesse contexto, é compreendida como elemento central, pois possibilita ao sujeito um encontro consigo mesmo e com suas possibilidades.

Nesse processo, não cabe ao psicólogo oferecer respostas prontas ou direcionamentos, mas favorecer que o indivíduo se responsabilize por sua própria existência. A clínica torna-se, assim, um espaço de escuta, acolhimento e construção de sentido, respeitando a singularidade de cada trajetória. Dessa forma, pensar o gênero como devir implica reconhecer a necessidade



de estruturas sociais que garantam liberdade de expressão e existência. A psicologia, ao se posicionar de forma ética e sensível, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, na qual as diferenças sejam acolhidas e valorizadas.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, buscando compreender a realidade vivenciada pelas subjetividades dissidentes de gênero e sexualidade. Segundo Minayo (2007), esse tipo de pesquisa permite maior aproximação entre pesquisador e objeto, considerando a experiência concreta dos sujeitos.

A pesquisa possui caráter exploratório, etapa que, conforme Minayo (2007), estrutura o percurso investigativo. O levantamento de dados ocorreu por meio de revisão bibliográfica. Como fonte principal, utilizou-se o livro *Tentativa de Aniquilamento de Subjetividades LGBTs*, do Conselho Federal de Psicologia, com o objetivo de identificar infrações cometidas por psicólogos no atendimento à população LGBTQIAPN+.

Classifica-se também como pesquisa documental, por utilizar materiais passíveis de reelaboração (Gil, 2002). O tratamento dos dados foi realizado por análise de conteúdo, considerando os aspectos sócio-históricos da linguagem e permitindo a interpretação dos sentidos atribuídos às experiências (Franco, 2005).

A análise consistiu na leitura crítica das entrevistas, identificando formas de violência e infrações éticas na prática psicológica. Foram utilizados, ainda, o Código de Ética do Psicólogo, resoluções do CFP e referenciais teóricos da psicologia existencial, como Soren Kierkegaard, além de obras sobre gênero, como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. A partir disso, buscou-se reforçar a importância de uma prática clínica ética e sensível às diversidades.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise foi organizada em quatro eixos: perfil dos participantes, tipos de violência, contextos de ocorrência e formas de acolhimento. O objetivo foi analisar as formas de violência



dirigidas à população LGBTQIAPN+, bem como as infrações ético-profissionais cometidas por psicólogos/as, a partir das narrativas presentes na obra *Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs* (CFP, 2019).

A amostra do livro contou com 32 participantes, majoritariamente jovens entre 19 e 29 anos, com predominância de homens cisgênero e pessoas autodeclaradas gays. Observou-se menor representatividade de pessoas trans, travestis e intersexo, indicando desigualdade de visibilidade e maior vulnerabilidade desses grupos (Gomes, 2021).

Emergiram quatro categorias de violência: 1) psicológica; 2) física; 3) autodirigida e 4) \aaasexual. A violência psicológica esteve presente em todos os relatos, manifestando-se por humilhação, ameaça e exclusão. A violência física ocorreu principalmente no ambiente familiar, evidenciando esse espaço como central na reprodução da violência. A violência autodirigida incluiu autoagressão, ideação suicida e supercompensação, compreendidas como efeitos da internalização da discriminação (Pifani; Toledo, 2012). Nesse sentido, o pensamento de Soren Kierkegaard contribui ao compreender o desespero como uma má relação do indivíduo consigo mesmo. A violência sexual apareceu em apenas um relato, contrariando interpretações clínicas que buscam associá-la à orientação sexual.

As violências ocorreram em diferentes contextos, com destaque para o ambiente familiar, seguido por instituições religiosas e espaços clínicos. Esses dados evidenciam uma estrutura social que marginaliza sujeitos dissidentes, sustentada por discursos moralizantes e essencialistas, que classificam a diversidade como desvio ou “fase”. Essa lógica reforça hierarquias sociais que privilegiam a heteronormatividade (Pifani; Toledo, 2012). -

No campo clínico, os relatos indicam práticas marcadas por tentativas de “cura” ou reversão da orientação sexual, baseadas em preceitos morais e religiosos. Tais condutas violam o Código de Ética do Psicólogo e a Resolução nº 01/1999, que proíbem a patologização da homossexualidade. Além disso, evidenciam uma postura que deslegitima a experiência do sujeito, substituindo o acolhimento por julgamento.

Diante disso, destaca-se a necessidade de uma prática clínica ética e sensível às diversidades. Inspirada no existencialismo, especialmente em Soren Kierkegaard, essa abordagem valoriza a experiência singular, a escuta e a suspensão de pressupostos. O método

indireto favorece o autoconhecimento sem imposições, permitindo que o indivíduo se aproprie de si. Assim, o papel do psicólogo é sustentar um espaço de escuta e possibilitar que o sujeito construa seu próprio modo de existir.

5. CONCLUSÃO

A partir dos achados desta pesquisa, foi possível identificar a persistência de fatores de discriminação social e de múltiplas formas de violência dirigidas à população LGBTQIAPN+, associados à herança de concepções essencialistas e biologizantes de gênero, ainda presentes no contexto sociocultural. Tais concepções contribuem para a manutenção de práticas excludentes, manifestadas por meio de diferentes formas de violência, dentre as quais se destaca a violência psicológica, física, autodirigida e sexual, sendo esta a mais recorrente nos casos analisados.

Observou-se, ainda, que a discriminação, fortemente vinculada a uma cultura homofóbica, se expressa em diversos contextos sociais. Destacam-se, nesse sentido, o ambiente familiar, instituições religiosas e serviços de saúde, incluindo clínicas psicológicas e psiquiátricas, como espaços nos quais tais violências são frequentemente reproduzidas. Ademais, a análise evidenciou a ocorrência de condutas profissionais, no âmbito da Psicologia, em desacordo com os princípios éticos da profissão, especialmente quando estas contribuem para a reprodução de estigmas e a patologização de identidades não heteronormativas.

Os profissionais em questão, apresentaram uma prática que encara a não heteronormatividade enquanto uma perturbação de personalidade, ou propuseram intervenções de mudança de orientação sexual. Condutas essas dissonantes ao Código de Ética do Profissional de Psicologia e da Resolução nº 01/1999 que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão de orientação sexual.

Diante desses achados, reafirma-se a importância de desenvolver uma prática clínica psicológica sensível às subjetividades dissidentes de gênero e sexualidade da população LGBTQIAPN+. Retoma-se, assim, a questão norteadora desta pesquisa: como pensar e



fomentar práticas clínicas experimentam-tes e sensíveis às vivências da população LGBTQIAPN+?

Em resposta, destaca-se a necessidade de uma atuação profissional rigorosamente ética e alinhada às diretrizes do Conselho Federal de Psicologia, aliada à incorporação de uma abordagem teórico-prática de orientação existencial, denominada “experimenta-te”. Tal perspectiva busca compreender gênero e sexualidade como construções performativas e historicamente situadas, afastando-se de concepções essencialistas e naturalizantes. Desse modo, pretende-se contribuir para a consolidação de práticas clínicas mais críticas, éticas e sensíveis às experiências de sujeitos LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

BEAUVIOR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Conselho Federal de Psicologia. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**. Brasília: CFP, 2019. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/CFP_TentativasAniquilamento_WEB_FINAL.pdf

Conselho Federal de Psicologia. **Resolução CFP nº 01/1999**. Brasília, 1999. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf

Conselho Federal de Psicologia. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, 2005. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

DE MARCA, R. G. C. Apontamentos sobre uma clínica psicológica existencial inspirada em Kierkegaard: a Psicologia “Experimentante” e seus modos de ver à margem. **Revista Instante**, v. 6, n. esp, p. 152 – 171, 2024.

DUARTE, A. M. Reler Foucault à luz de Butler: repensar a Biopolítica e o Dispositivo da Sexualidade. **Revista dois pontos**, v. 14, n. 1, p.253-264, 2017. <https://doi.org/10.5380/dp.v14i1.56552>

FEIJOO, A. M. L C., PROTASIO, M.M. Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v.63, n. 3, p. 72-88, 2011. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672011000400007

GERMANO, R.B.C. **Existência na Paciência: Uma Introdução no Pensamento de S. A. Kierkegaard**. João Pessoa, 2014.





GOMES, M.; BRUN, T.G.; ZANON, P.B.; MOREIRA, S.X.; ANVERSA, E.T.R. A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.3, p. 13903-13924 mar./apr. 2021. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-327>

KIERKEGAARD, SOREN. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário/ Soren Aabye Kierkegaard. 3.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2013. P.25.

KIERKEGAARD, SOREN, 1813-1855. **A doença para a morte**. Petrópolis RJ: Vozes, 2022.

MOLEIRO, C; PINTO, N. **Diversidade e Psicoterapia**: expectativa e experiência de pessoas LGBT acerca das competências multiculturais de psicoterapeutas. Lisboa, 2009, pp. 159-172. <https://www.crp15.org.br/wp-content/uploads/2020/06/diversidade-e-psicoterapia.pdf>

NODARI, P. C. A doutrina das ideias em Platão. Síntese: **Revista De Filosofia**, 2004, 359–374. <https://doi.org/10.20911/21769389v31n101p359-374/2004>

PINAFI, T; TOLEDO, L.G. **A clínica psicológica e o público LGBT**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 137 – 163, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000100010>

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, 1995.

SOBRAL, A.P.A. **Quanto ao futuro**: do feminino mais além do falo à escrita feminina em Clarice Lispector. Curitiba, 2019.

